

Belém no Muro – Ecosistema estético belenense no curta-metragem de Andrei Miralha¹

Karina Ailyn RAIOL²
Regina Lúcia Alves de Lima³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

A partir do conceito de ecossistemas estéticos, o presente artigo tem por objetivo identificar os sistemas apresentados no curta-metragem de animação Muragens – Crônicas de Um Muro (2008), dirigido por Andrei Miralha. O curta-metragem em questão faz um recorte do cotidiano de um trecho no entorno do Cemitério da Soledade, localizado no bairro de Batista Campos, em Belém. O diálogo entre realidade e ficção presente no curta-metragem é a base para a identificação e análise dos sistemas que constituem o ecossistema estético do local, bem como os ecossistemas estéticos comuns a muitos outros pontos da cidade de Belém. Este artigo faz parte do projeto de pesquisa “Análise de Conteúdos Audiovisuais Midiáticos na Amazônia”, vinculado à Faculdade de Comunicação e ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chave: audiovisual; ecossistema; estética; ficção.

Introdução

A partir do conceito de ecossistemas estéticos, o presente artigo tem por objetivo identificar os sistemas apresentados no curta-metragem de animação Muragens – Crônicas de Um Muro (2008), dirigido pelo cineasta paraense Andrei Miralha. O curta-metragem em questão faz um recorte do cotidiano de um trecho no entorno do Cemitério da Soledade, localizado no bairro de Batista Campos, em Belém. O presente artigo é resultado do projeto de pesquisa “Análises de Conteúdos Audiovisuais Midiáticos na Amazônia”, vinculado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA) e ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da mesma universidade. O objetivo da pesquisa é analisar os fenômenos audiovisuais midiáticos gerados na relação com as identidades culturais, a memória e o imaginário que

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da FACOM-UFPA, email: karinaailynr@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora do PPGCOM e da FACOM-UFPA, email: rebacana@gmail.com

se efetivam no contexto da realidade amazônica. De maneira ampla, espera-se visualizar diferentes processos de produção, circulação e pesquisa de conteúdos nos audiovisuais midiáticos.

O diálogo entre realidade e ficção presente no curta-metragem é a base para a identificação e análise dos sistemas que constituem o ecossistema estético do local, bem como os ecossistemas estéticos comuns a muitos outros pontos da cidade de Belém. Segundo Medeiros e Pimentel (2013), os ecossistemas estéticos são formados por inúmeros sistemas que mantêm uma relação de interdependência entre si, e que medeiam as relações dos indivíduos para com os espaços, objetos, enfim, todos os elementos que compõem o universo em que se vive. Diante do cenário apresentado no curta-metragem aqui analisado, este artigo busca traçar um paralelo com o cenário real da cidade de Belém, lugar multicultural e multifacetado, difícil de ser definido. Segundo Canclini (2008), no século passado, as cidades eram identificadas e descritas através de aspectos estritamente físicos, porém, isso vem se modificando, uma vez que nas últimas décadas, ao tentar definir e caracterizar o urbano são levados em consideração os imaginários e processos culturais.

As cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes. O sentido e o sem sentido do urbano se formam, entretanto, quando o imaginam os livros, as revistas e o cinema; pela informação que dão a cada dia os jornais, o rádio e a televisão sobre o que acontece nas ruas. Não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou o GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais. Dizia Luis García Montero, referindo-se a seu lugar, Granada, que “cada pessoa tem uma cidade que é uma paisagem urbanizada de seus sentimentos (García Montero, 1972; p. 71). (CANCLINI, 2008, p. 15)

A Belém que Andrei Miralha colocou no muro pode ser “a paisagem urbanizada de seus sentimentos”. O curta-metragem em questão é apenas um recorte do cotidiano de um pequeno trecho de uma rua belenense, mas o que se percebe é que ele diz muito sobre o que é viver na Belém verdadeira, uma Belém que não cabe em pontos turísticos famosos, como o Ver-o-Peso e Estação das Docas. A Belém verdadeira é Ver-o-Peso e Estação das Docas, mas também é Terra Firme, Telégrafo e Jurunas. É Avenida Almirante Barroso, a Presidente Vargas, Travessa Soares Carneiro e a Passagem Belém. Entre bairros, ruas e

avenidas famosas e outras pouco conhecidas estão gente de todos os tipos e rostos, gente boa e ruim, rica e pobre, feia e bonita, enfim, tudo isso é Belém, e tem muito mais.

Segundo Oliveira (2009), existem novas maneiras de se mostrar o que já existe, dando espaço para novas visões e abordagens da realidade, dessa forma, ampliando o campo de visão sobre determinados locais ao reconhecer a existência de uma cultura multifacetada e objetos culturais igualmente diversos, nunca negando o já existente, mas o integrando como parte de um todo comum e não somente como algo intrínseco à identidade do local. (OLIVEIRA, p. 5, 2009). Ainda segundo o autor, essas novas formas de olhar e representar a realidade não são, de forma alguma, melhores ou superiores às formas anteriores. O advento desse novo parâmetro soma-se ao anterior, para além de simplesmente emitir juízos de valor, busca-se apresentar as múltiplas características de um local, dando espaço para discursos plurifacetados. (OLIVEIRA, 2009, p. 6).

Habitada por um povo de muitas caras e modos, Belém se caracteriza não apenas pela diversidade de seus habitantes, mas também, pela dinâmica de vida única que a cidade oferece. Talvez em nenhuma outra cidade do mundo seja possível encontrar disparidades de todos os tipos imersas num só espaço, como se cada desigualdade encontrada estivesse conectada a todas as outras e vice-versa, elas se completam e dão forma a diversos estilos de vida e formas de sociabilidade. A história do curta-metragem dirigido por Andrei Miralha se passa em Batista Campos, um dos bairros mais tradicionais da cidade, que abriga a Praça Batista Campos, considerada a mais bonita do Brasil em 2005⁴, é conhecido por ser uma área nobre, com imóveis caros e belas ruas, em sua maioria, bem arejadas pelas tradicionais Mangueiras de Belém.

Para além de títulos e categorizações, é possível encontrar num único bairro belenense diferenças que em outros lugares poderiam ser consideradas irreconciliáveis, mas que, em Belém, convivem e se completam. Como afirma Oliveira (2009), o ambiente urbano não pode ser considerado como um local configurado pelos espaços ou classes sociais, onde um único comportamento prevalece, pelo contrário, o ambiente urbano é local de realidades, comportamentos, espaços e vivências diversas (OLIVEIRA, 2009, p. 7). Os

⁴Um Olhar Além da Praça. Disponível em:
http://www3.museu-goeldi.br/inct/index.php?option=com_content&view=article&id=112%3Aum-olhar-alem-da-praca&Itemid=57

sistemas inseridos nas realidades belenenses são tantos e as pessoas que os vivem tão diversas que é impossível mensurá-los em sua totalidade. Aqui, busca-se identificar e analisar os elementos que apresentam essas diferenças e disparidades presentes no curta-metragem de Andrei Miralha, e que têm uma representatividade no atual cenário urbano de Belém e compõem os sistemas que dão forma aos ecossistemas estéticos da cidade. De acordo com Medeiros e Pimentel (2013)

Todas aquelas ideias e estas concepções podem ser enfeixadas e ressignificadas no conceito de ecossistema, visto que este subentende o caráter de interdependência dos organismos vivos que fazem parte de um dado universo, revendo a noção mecanicista de sujeito e objeto na medida em que as relações são sempre entre agentes, isto é, interação em prol da (sobre)vivência de cada um e do equilíbrio do todo, mesmo que precário e em constante construção. (MEDEIROS, PIMENTEL, 2013, p.9).

Tais diferenças podem ser observadas de várias maneiras, mas, de uma forma ou de outra, é possível compreender a relação de interdependência entre elas e como essa relação interfere no espaço e, principalmente, nas formas de interação entre os indivíduos para com o espaço.

Muragens - Crônicas de Um Muro

O curta-metragem aqui analisado, como já foi dito anteriormente, se passa em um trecho da Avenida Dr. Moraes, nos arredores do Cemitério da Soledade, no bairro de Batista Campos, em Belém. O vídeo é resultado da Bolsa de Pesquisa, Criação e Experimentação 2008 do Instituto de Artes do Pará, o IAP, é dirigido pelo paraense Andrei Miralha, tem duração de aproximadamente 12 minutos e é construído a partir de fotografias, vídeos e técnicas de animação em 2D. O vídeo foi desenvolvido por Andrei Miralha em parceria com diversos outros animadores paraenses. O curta-metragem começa com fotografias em sequência de um homem caminhando nos arredores do cemitério até chegar à frente do muro onde observa o fluxo do cotidiano do lugar como, por exemplo, os transeuntes do local, a montagem das barracas de feirantes, clientes parando com seus carros ao lado das barracas, carroça puxada por um homem, caminhões, o desmanche das barracas no final da tarde, e a chegada dos garis para fazer a limpeza do local.

Figura 1 - Montagem com dois frames das cenas iniciais do curta-metragem



Fonte: Frames do curta-metragem Muragens – Crônicas de um muro

O início da animação do curta retrata as primeiras cenas descritas anteriormente, porém, dividindo-as por partes. A primeira é a “Feira-Mar”, na qual os feirantes chegam com suas barracas em formas de barco à vela. São, ao mesmo tempo, jangadas/barracas que chegam com o alimento do dia-a-dia do belenense. E chegam com os feirantes soprando as velas dos jangadas/barracas, expondo o trabalho braçal de homens e mulheres, que dividem o espaço da rua com feirantes, pedestres, carroças, carros e barcos. Esse compartilhamento da via demonstra a tentativa de não negar ou separar os meios tradicionais do meio urbano. A região Amazônica, por tantas vezes vista a partir de uma perspectiva limitada, que salvo por raras exceções, não vai muito além do discurso pautado no meio ambiente, que é igualmente abordado de forma reducionista, abordando-se apenas questões relacionadas às florestas e aos animais. Sobre a abordagem estereotipada sobre Amazônia, Medeiros e Pimentel (2013) afirmam que,

[...] esta região que já foi chamada de “inferno”, de “paraíso” e de “eldorado” – se constitui, para alguns, a última fronteira a ser explorada e, para outros, um sacrário a ser preservado a qualquer custo. Para algumas visualidades, a Amazônia é a própria encarnação do último paraíso perdido; para outras, ao contrário, é o “inferno verde”, quente e avesso à civilização eurocêntrica. Visões paradoxais, sem

dúvida, mas nem por isso opostas e excludentes. Desde já digamos que a Amazônia não é o território do “ou” que exclui, mas do “e” que conecta e superpõe.

A Amazônia é, sim, um espaço plausível tanto para o imaginário paradisíaco quanto para o bestiário infernal. É propício aos extremos que se confrontam e que se deglutem mutuamente em múltiplos e sucessivos rituais antropofágicos.” (MEDEIROS, PIMENTEL, 2013, p. 7).

Para os autores, a Amazônia se constitui como um espaço de realidades que se contradizem, porém, se adaptam umas as outras, transformando-se em um conjunto multifacetado e moldaz. Em *Muragens – Crônicas de um muro* não se tenta excluir ou sobrepor uma realidade sobre a outra. Pelo contrário, realidades diferentes são postas juntas em um só lugar, os feirantes, os pedestres, os automóveis, os barcos, todos figuram em um espaço comum, todos transitam na mesma via.

Figura 2 – Montagem com dois frames da primeira parte do curta-metragem



Fonte: Frames do curta-metragem *Muragens – Crônicas de um muro*

Os barcos/barracas representam o forte relacionamento da cidade de Belém com a água. Segundo Moreira (1966), “as águas” são elemento central na caracterização da paisagem de Belém. O autor afirma que “Belém não deve às águas apenas uma parte de sua beleza, mas a sua própria modelação. Não só no plano geográfico, como no plano histórico, a água é o elemento dinamizador da cidade.” (MOREIRA, p. 63, 1989).

A relação entre a cidade de Belém com a água não pode deixar de figurar entre os sistemas constituintes dos ecossistemas estéticos belenenses, uma vez que a água além de compor a paisagem, movimentar o comércio, interfere na sociabilidade dos habitantes da cidade. É pelas águas que chegam alguns dos principais alimentos dos belenenses, como o açaí e a farinha, sem contar o pescado. Belém vive e sobrevive em decorrência do fluxo das águas. A chuva que cai durante o período da tarde já é bem conhecida e em quantos momentos a tal chuva da tarde já regulou horários de encontros, planejamentos de eventos, ou coisas mais simples, como a retirada da roupa do varal? O guarda-chuva é fiel companheiro de quem a conhece. O relacionamento com água permeia as formas de sociabilidade em Belém do Pará.

Como afirma Valverde (2008), a estética da comunicação é permeada pela sensibilidade, a partir da qual formas, sentidos e valores já estabelecidos são partilhados e agregados pelos indivíduos. Para o autor, a experiência da comunicação vem de uma visão partilhada por determinado grupo, que por sua vez, não está limitada simplesmente a um discurso comum e confortável a todos, “mas envolve igualmente uma dimensão axiológica que enraiza o sentido e suas formas num senso comunitário de valor, que traduz uma disposição afetiva comum, anterior a regras, normas e leis” (VALVERDE, p. 8, 2008). No curta, são observados esses sentidos comuns sobre Belém e a Amazônia, como na relação entre o rural e o urbano, as águas e o asfalto, o barco e o automóvel. Miralha demonstra estar inserido nesse ecossistema ao fazer uma reinterpretação desses lugares comuns de caracterização da Amazônia, promovendo um diálogo entre essas realidades diferentes.

A segunda parte é referente ao “Son(h) da tarde” que pode muito bem representar o inevitável sono após um almoço tipicamente paraense. Nesta parte, os feirantes cansados do longo e duro trabalho pela manhã, caem em um sono profundo junto de seus barcos/barracas.

Figura 3 – Frame da segunda parte do curta-metragem



Fonte: Frames do curta-metragem Muragens – Crônicas de um muro

Então, em um “sonho”, suas almas são elevadas, transcendendo e ganhando inúmeras formas, ora pássaros ora árvores, imagens comuns ao cotidiano do indivíduo amazônida. Cotidiano este que é permeado por uma relação na qual o surreal por vezes interfere e modifica o real. De acordo com Gadelha e Lima (2014) existe uma relação de encantarias e seres encantados, fortemente enraizados na cultura e no imaginário amazônicos. “Esses seres mitológicos que espreitam o território amazônico são denominados encantados e habitam as encantarias, lugares na floresta ou no fundo dos rios.” (p. 76, 2014). No curta, Andrei Miralha faz uma releitura a partir da relação entre as encantarias e os seres encantados, na qual os barcos/barracas representam a encantaria, enquanto as almas dos feirantes tomam formas diversas, se tornando, então, seres encantados. Tudo isso se passa durante o sonho da tarde, representando arquétipo do desprendimento do racionalismo exacerbado. Ao fim do “sonho da tarde”, os feirantes acordam, começam a juntar suas coisas e ir embora em seus barcos/barracas. Após a saída dos feirantes, chegam os garis limpando toda a sujeira do fim de feira.

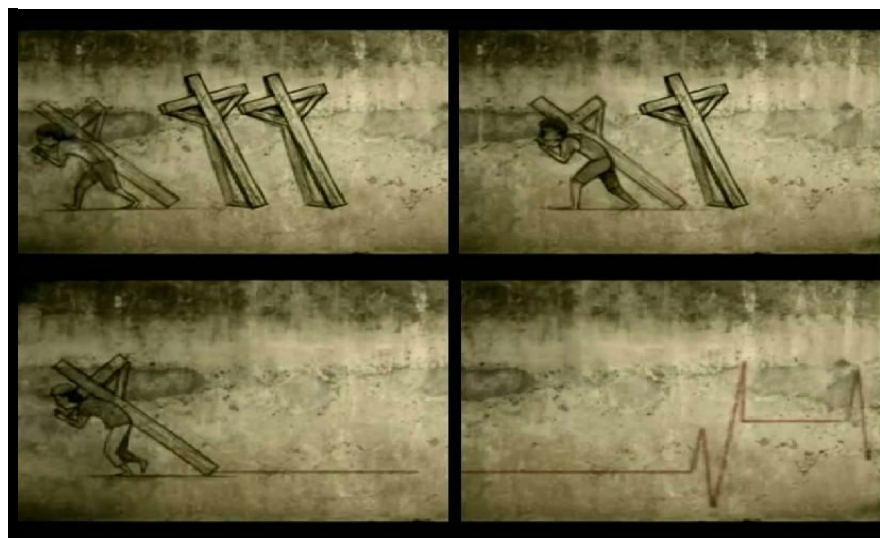
A terceira parte chama-se “Sacrifício”, alusão à dura jornada de trabalho, à vida difícil juntamente ao apelo religioso que a cidade de Belém carrega. Outro sistema importantíssimo que compõe os ecossistemas de Belém é, sem dúvida alguma, o catolicismo. Belém do Pará é também conhecida por promover a maior manifestação do catolicismo, o Círio de Nazaré, realizado todos os anos no mês de outubro. O segundo domingo do mês de outubro, para grande parte da população paraense, é um momento de fé,

comemoração, e o tradicional almoço, reunindo parentes e amigos. Conhecido como o “Natal antecipado” de grande parte da população paraense, o Círio de Nazaré regula o tempo e o espaço de Belém durante um mês inteiro. A partir do segundo domingo de outubro, é dado início a um ciclo de festividades no qual se promovem romarias, missas, novenas, atividades culturais, entre outras coisas.

Dentre os diversos ritos, detalhes e símbolos que se fazem presentes durante a celebração do Círio estão as crianças vestidas de anjo, os brinquedos de Miriti, as fitas nos pulsos, mas, talvez o principal seja os promesseiros que demonstram sua fé, fazem pedidos e agradecem as graças alcançadas. Os promesseiros expressam isso de inúmeras formas, dentre elas estão aqueles que carregam uma cruz durante todo o trajeto da romaria principal do Círio de Nazaré.

Em Muragens – Crônicas de um muro isso também é representado. Três cruzes são postas no muro, três homens aparecem e cada um carrega sua cruz, o último deixando um rastro de sangue decorrente de tamanho sacrifício realizado. O rastro de sangue se transforma então em uma frequência cardíaca, e, ao fundo, se ouve o pulsar de um coração, talvez, assim, representando a fé que move os crentes, o sacrifício que os impulsiona a continuar seguindo em frente, superando todas as dificuldades.

Figura 3 – Montagem com quatro frames da terceira parte do curta-metragem



Fonte: Frames do curta-metragem Muragens – Crônicas de um muro

A parte seguinte chamada “Uma Noite” mostra o fluxo de pessoas distintas das da manhã e tarde. O trecho da Avenida Dr. Moraes onde o muro está localizado é pouco iluminado e não muito movimentado pela parte da noite. No curta, os indivíduos que passam e param por ali são primeiramente representados pelo que aparenta ser um casal dentro de um carro, que param no local para namorar às escondidas. Após o casal deixar o lugar, o que entra em cena é a violência. Um homem para no local, desce do carro e, aparentemente, tenta falar ao celular, porém, sem sucesso. Quando ele sai de perto do carro um ladrão aproveita para furtar o veículo.

Figura 4 – Cena da quarta parte do curta-metragem



Fonte: Frame do curta-metragem Muragens – Crônicas de um muro

Ao voltar e se dar conta do acontecido, o homem liga para a polícia, que chega batendo em seu automóvel. Durante a perseguição ao ladrão, ouvem-se disparos de arma de fogo, então, fantasmas aparecem representando a morte dos policiais e do ladrão.

A cena seguinte é referente à última parte do curta, nomeada de “AmanheSER”, que representa a chegada de um novo dia, a chuva cai e com ela tem início um novo ciclo. Pessoas que influenciam e são influenciadas pelos sistemas aos quais estão inseridas, interferindo no ambiente, se autoadaptando e interagindo para com ele. Tal configuração

pode ser relacionada com o conceito de autopoiese, de Maturana e Varela (1995), como afirma Monteiro e Colferai (2011, p. 35),

“[...] Para estes, os seres vivos são sistemas capazes de produzirem a si mesmos e de se autoregularem, o que é primordial para a adaptação ao meio em que vivem e se relacionam. Este princípio pode ser usado na interação social - em que constantes adaptações e reproduções ocorreram com a finalidade de manter e otimizar as relações entre os seres - e é Luhmann o responsável por colocar a autopoiese, concebida desde a biologia, no campo do social.

Tal afirmação dá conta de que os seres vivos são, ao mesmo tempo, produtores e produto do sistema ao qual fazem parte, sistema este que passa a ser naturalmente volátil e aglutinador. No curta-metragem, isso pode ser observado na renovação do cotidiano daquele pequeno trecho do muro do Cemitério da Soledade, pessoas completamente diferentes vão passando pelo local, jovens, adultos, idosos, trabalhadores, estudantes, pessoas que começam o seu dia passando por aquele trecho, transformando a si mesmas e transformando, também, o ambiente.

Considerações finais

Neste artigo se seguiu a proposta de identificar quais os sistemas apresentados em Muragens – Crônicas de um muro e relacioná-los com a realidade da cidade de Belém, e como esses sistemas estão interligados. Longe de tomar o curta-metragem como espelho da realidade belenense, a partir da representação da pluralidade de uma cidade como Belém, infinita no modo de ser de seus habitantes, estampada em um muro de um cemitério, o que se buscou foi observar de que forma os sistemas que compõem os ecossistemas estéticos são representados no curta de Andrei Miralha.

Além disso, a partir da ideia de que os sujeitos não são monádicos e autossuficientes, mas vivem, dentro desses ecossistemas estéticos, em conjunto com outros sujeitos, num processo de mútua afetação e de compartilhamento de sentidos (MEDEIROS, 2013; VALVERDE, 2007), buscou-se também perceber como o *senso comunis* da região amazônica é trabalhado por Miralha e materializado no curta-metragem. Percebe-se, então, que o autor não apenas reproduz os sentidos já comuns e pré-definidos sobre a região, mas

os trabalha a partir da articulação com a diversidade de pessoas, situações e realidades próprias dos ambientes urbanos.

Em uma região como a Amazônia, incontáveis vezes estigmatizada pelo discurso que não abrange nada além de questões relacionadas ao meio ambiente, que quase sempre é reduzido apenas às florestas e vida selvagem, o que se observa no curta-metragem não é a negação dos valores e modos de vida tradicionais, pelo contrário, o que se mostra é a junção destes com novas formas de agir e pensar. Não existe separação entre a floresta e o espaço urbano, como foi observado no curta-metragem, carros e barcos se locomovem na mesma via, compartilhando o espaço com feirantes, pescadores, pedestres, carroças e caminhões, em uma calçada de um cemitério localizado em um bairro que pode ser considerado como uma região nobre da cidade.

Como afirmam Medeiros e Pimentel (2013) “A alteração causada por um único organismo obriga a reconfigurações e readaptações do sistema inteiro, com benesses e malefícios para todos, independentemente da posição de cada um na teia evolutiva.” (MEDEIROS, PIMENTEL, 2013, p.9). O principal destaque do curta-metragem aqui analisado é que tudo e todos estão sendo representados de forma conjunta, um interferindo sobre o outro, com o crescimento urbano veio também o crescimento da violência, juntamente com valores tradicionais relacionados à fé, vem a necessidade da realização de sacrifícios e etc.

É de extrema importância que sejam produzidos conteúdos voltados à população local, nos quais sejam abordados temas diversificados, representações das realidades Amazônicas e que, principalmente, sejam feitas por gente que vive essas inúmeras realidades. Dessa forma, o indivíduo local pode ser incentivado a olhar a sua própria realidade e, a partir disso, ter percepções múltiplas, assim, gerando um novo ciclo de ressignificação dos elementos da realidade e de si mesmo.

Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. Imaginários culturais na cidade: conhecimento/ espetáculo/ desconhecimento. In. COELHO, Teixeira. A cultura pela cidade. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GADELHA, Dilermando; LIMA, Regina Lúcia Alves de. Barbarella Amazônica, amazona paraense: imagens de Gaby Amarantos como suporte material do imaginário amazônico. Sessões do Imaginário, vol. 19, n. 31, 2014, p. 74-84. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/16907/12243>. Acesso em 24 de julho de 2015.

MEDEIROS, Afonso; PIMENTEL, Lúcia. Ecosistemas Estéticos. Anais do 22º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: Ecosistemas Estéticos. Belém: PPGArtes/ ICA/ UFPA, 2013, v.1, p. 7-13.

MONTEIRO, Gilson Vieira; COLFERAI, Sandro Adalberto. Por uma pesquisa amazônica em Comunicação: provocações para novos olhares. In.: Comunicação Midiatizada na e da Amazônia. Belém: FADESP, 2011. P.33-47.

MOREIRA, E. (1989). “Belém e sua expressão geográfica”. In: MOREIRA, E. Obras reunidas de Eidorfe Moreira. Belém, CEJUP.

OLIVEIRA, R. de. “Antropologia, cinema e cidade: representações de Belém do Pará em Dias”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 32, Curitiba, 2009. Anais... São Paulo: Intercom, 2009. p. 1-11. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0125-1.pdf>. Acesso em: 21 de julho de 2015.

VALVERDE, Monclar. Comunicação e experiência estética. Anais do XVII Encontro Anual da Compós. São Paulo: UNIP / Compós, 2008.

VALVERDE, Monclar. Gosto e comunicação: O papel da reflexão estética na teoria da comunicação. Anais do XVI Encontro da COMPÓS, junho, 2007, Curitiba.